

# FEMINISMOS DECOLONIAIS E ESCRITA LITERÁRIA: ENTRE A CURA E O ENFRENTAMENTO

*Data de submissão: 20/02/2025*

*Data de aceite: 05/03/2025*

### **Isabela Vince Esgalha Fernandes**

Doutoranda em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo pela Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM/UFBA)  
Campinas – São Paulo  
<http://lattes.cnpq.br/1607042912809382>

**RESUMO:** Desde que as mulheres puderam acessar a escrita, esta se tornou uma forma de cura e resistência, relatando e enfrentando opressões e violências. Nos períodos em que foram silenciadas, a escrita proporcionou um espaço seguro e discreto para a expressão criativa, fortalecendo o eu para enfrentar os desafios de uma sociedade patriarcal, racista e misógina. A literatura, apesar de muitas vezes desconsiderada como fonte científica, oferece um vislumbre das crenças, medos e esperanças de quem escreve, sendo um meio relevante de conscientização e empoderamento. Assim, o presente trabalho tem como objetivo explorar a relação entre o fazer literário e os feminismos decoloniais e seu papel no processo de emancipação e superação, buscando analisar a importância da literatura no empoderamento e transformação social das mulheres, especialmente dentro do

contexto de opressões interseccionais de raça e classe. O trabalho também visa discutir a relevância da literatura como potencializadora de práticas feministas decoloniais e sua contribuição para a ciência. As reflexões foram realizadas a partir da revisão de literatura da produção acadêmica feminista decolonial e seus atravessamentos no campo literário. A conclusão, após a análise, nos leva ao reconhecimento do valor da literatura enquanto ferramenta para emancipação e superação na luta feminista e a necessidade de sua inclusão na produção de conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo: decolonialidade: empoderamento: literatura

### **DECOLONIAL FEMINISM AND LITERARY WRITING: BETWEEN HEALING AND CONFRONTATION**

**ABSTRACT:** Since women gained access to writing, it has become a form of healing and resistance, documenting and confronting oppression and violence. In times when they were silenced, writing provided a safe and discreet space for creative expression, empowering individuals to face the challenges of a patriarchal, racist, and

misogynistic society. Literature, often overlooked as a scientific source, offers a glimpse into the beliefs, fears, and hopes of the writer, serving as a relevant means of awareness and empowerment. Thus, this work aims to explore the relationship between literary creation and decolonial feminisms, as well as its role in the processes of emancipation and overcoming, seeking to analyze the importance of literature in the empowerment and social transformation of women, particularly within the context of intersectional oppressions of race and class. The work also intends to discuss the relevance of literature as a catalyst for decolonial feminist practices and its contributions to science. The reflections were developed through a literature review of decolonial feminist academic production and its intersections in the literary field. The conclusion, following the analysis, leads us to recognize the value of literature as a tool for emancipation and overcoming in the feminist struggle and the need for its inclusion in knowledge production.

**KEYWORDS:** Feminism: decoloniality: empowerment: literature:

*Escrever é uma forma de pensar. E não apenas sobre sentimentos, mas também sobre coisas que são díspares, não resolvidas, misteriosas, problemáticas – ou apenas doces.*

*(Toni Morrison 2019)*

## INTRODUÇÃO

Desde que a escrita pôde ser acessada pelas mulheres, esta se tornou um ato de cura e resistência, de enfrentamento a seja qual for a opressão e violência que atravessasse sua experiência.

Nos momentos em que lhes foi negada a liberdade de se expressar ante o resto da sociedade, mulheres não deixaram de resistir. A diferença, entretanto, é que esta resistência se deu por muitas vezes a partir do silencioso olhar para dentro. Enquanto espaço de vazão da potência criativa, a escrita por muito tempo proporcionou segurança e discrição para atravessar o processo por vezes solitário de cura e superação a partir do fortalecimento do eu para lidar com os desafios de uma sociedade patriarcal, racista, excludente e misógina.

Entre as possibilidades de expressão que esta ferramenta pode se desenvolver, está a escrita literária, poderosa forma de reflexão e muitas vezes de apoio para entender e lidar com questões reais, seja para quem escreve quanto para quem lê o produto desse trabalho. Contudo, apesar de sua relevância, por florescer a partir do desconhecido e caótico processo mental, a escrita literária não é considerada, por muitos, como uma fonte confiável de pesquisa científica, seja qual for o gênero através do qual se manifesta, é diametralmente oposta ao paradigma do conhecimento vigente, que se assenta na neutralidade, racionalidade e objetividade.

De fato, é impossível separar obras literárias do contexto histórico, social e político do/a escritora/o, o que significa dizer que o distanciamento e imparcialidade são inconcebíveis nesse espaço. Através da literatura, temos um vislumbre das crenças,

medos, expectativas e anseios de quem a criou. Pela imaginação ou ficção pode-se paradoxalmente acessar o que há de mais real e concreto em nós, e o acesso a este conhecimento pode ser perigosamente libertador, tendo papel relevante no processo de conscientização e empoderamento.

Talvez por tais razões, a literatura tenha sido descredibilizada ou mesmo censurada em tantas diferentes ocasiões, e, como veremos mais a frente, esta é uma questão até hoje extremamente problemática e com reflexos significativos nas trajetórias profissionais de mulheres escritoras. Mas é exatamente pelas mesmas razões é que defenderemos a ampliação de seu acesso e difusão como práxis feminista decolonial, seja através do exercício catártico da escrita, seja pela leitura atenta que inspira e ensina.

## FEMINISMOS DECOLONIAIS E O EXERCÍCIO DA LITERATURA

O desenvolvimento do Movimento Feminista possibilitou a transformação de dores, violências e desigualdades das mulheres em luta. Já sabemos, porém, que esse processo se deu a partir de inúmeras de contradições. Sim, por mais constrangedor que isso possa ser, uma vez que a principal razão de existência do feminismo é a busca pela transformação social rumo à superação de desigualdades, os feminismos por muito tempo acabaram por reproduzir valores que espelhavam exatamente o que suas integrantes tanto repudiavam:

A episteme feminista clássica, produzida por mulheres brancas burguesas estabelecidas em países centrais, falhou em reconhecer como sua prática reproduzia os mesmos problemas que criticava na forma de produção de conhecimento das ciências. Enquanto criticava o universalismo androcêntrico, criou a categoria de gênero e a aplicou universalmente a toda sociedade e cultura, sem sequer reconhecer como o sistema de gênero é um construto surgido para explicar a opressão das mulheres nas sociedades modernas ocidentais e, portanto, seria subjetivo. As teorias e críticas feministas brancas acabam por produzir conceitos e explicações que ignoram a atuação histórica do racismo e da colonialidade como algo importante na opressão da maioria das mulheres, apesar de, ao mesmo tempo, reconhecerem sua importância (Espinosa-Miñoso, 2014, p. 09)

Desta forma, paradoxalmente, o desenvolvimento de políticas, iniciativas, a própria produção científica baseou-se em grande medida categorias e teorias a princípio entendidas como libertadoras, mas que na prática escondiam opressões e violências intrínsecas, refletindo à imagem e semelhança a exclusão e violência da sociedade patriarcal contra a qual as mulheres tanto lutavam contra.

A insistência no discurso de universalidade em relação às opressões vivenciadas pelas mulheres mascarava o fato de que, por exemplo, a identidade de classe e raça geram impactos que prevalecem sobre a experiência que todas as mulheres compartilham. (hooks, 2015).

O fato é que a violência, a pobreza, as desigualdades em relação a oportunidades -de estudo, de trabalho, de pleno desenvolvimento, entre outros-, em função, sobretudo, de um racismo estrutural vigente na sociedade, não fazia parte da realidade e das investigações das principais teóricas feministas, que eram, em sua maioria, brancas e com razoável poder aquisitivo.

É nesse contexto que se desenvolveu uma das correntes de maior relevância para a ampliação do poder do feminismo como movimento que busca a real transformação e justiça social: o feminismo negro.

A partir da constatação de que o feminismo “branco” ou hegemônico não dava conta das opressões sofridas por grupos específicos de mulheres, não considerando as diferentes culturas e contextos, foram desenvolvidas novas propostas que buscaram preencher tais lacunas. Aos poucos, passou-se a desvelar a insuficiência de teorias que supostamente transformariam a vida de todas as mulheres.

Enquanto isso não ocorreu, entretanto, aquelas excluídas da luta “oficial”, resistiam à sua própria maneira. As diferentes formas em que mulheres atravessadas ou não por outras categorias de opressão criaram ou fizeram uso para enfrentar as dificuldades e violências cotidianas é a maior prova da força, criatividade e potência que nós, mulheres, em nossa multiplicidade, poderíamos demonstrar.

Patrícia Hill Collins, ao analisar o desenvolvimento do feminismo negro no Estados Unidos, traz um pouco essa discussão. De acordo com a autora, mulheres negras produziram um pensamento social concebido para se opor à opressão. A diferença, aqui, se refere à forma assumida por esse pensamento, se deu em grande parte através de diferentes linguagens à margem do ambiente acadêmico. Através da poesia, música, da literatura, mulheres encontraram maneiras de escapar da sobreviver na e/ou se opor à injustiça social e econômica prevalecente (Collins, 2019).

Por mais que esta forma de sobreviver, se indignar e enfrentar tenha, em parte florescido em espaços outros que não o acadêmico, negado à muitas em decorrência das desigualdades de raça e classe, paradoxalmente o alcance da contribuição dessas manifestações se tornou infinitamente maior, pois ressoou em indivíduos de diferentes contextos e realidades, ampliando seu potencial de auxílio na conscientização e empoderamento de mulheres, enquadradas ou não nos marcadores de raça, classe, entre outros. Esta concepção de valorização de saberes outros como medidas de resistência à opressão vai de encontro à corrente de pensamento decolonial, teoria que entendemos de ser de grande relevância na compreensão e enfrentamento de desigualdades. Tal corrente teórica é responsável por trazer reflexões acerca da colonização europeia e formação da América e seus impactos (sociais, econômicos, culturais e epistemológicos) na manutenção de diferentes formas de opressão, entre as quais a opressão em relação às mulheres.

O pressuposto da teoria decolonial se refere ao fato de que a construção da sociedade atual se assentou a partir de conexões entre modernidade ocidental, colonialismo

e capitalismo. Assentada em uma visão crítica, a decolonialidade busca entender a especificidade histórica e política das nossas sociedades, questionando narrativas oficiais e revelando como as hierarquias sociais foram formadas e os impactos do processo colonizatório, sobretudo para os povos de territórios colonizados pelos europeus (Curiel, 2019; Lugones, 2011; Espinosa-Miñoso, 2014).

Nessa lógica, mais do que uma exploração e violência física, colonizadores assegura(ra)m a opressão de tais povos a partir de uma imposição cultural e ideológica responsável pelo apagamento da história, cultura e identidade dos colonizados, colocando seus conhecimentos, tradições e modos de viver como primitivos e inferiores. Desse projeto adveio uma nova ordem global responsável pela criação de uma narrativa única, universal que alça o modo de ser, viver e conhecer europeu como único possível, desprezando-se quaisquer corpos e vozes que não se enquadrassem no padrão construído, e as mulheres (sobretudo não brancas e oriundas dos territórios que sofreram tais processos colonizatórios) constituem um dos grupos mais afetados. Isto porque o sucesso dessa ordem global dependia, em grande medida do controle dos corpos e subjetividades dos povos oprimidos. Até, hoje, grandes são os impactos desse processo.

Portanto, para além da compreensão da colonização como um fenômeno histórico, a decolonialidade a compreende como um projeto epistêmico, político social e econômico que visa a manutenção da dominação. No caso das mulheres, somou-se à esta receita a dominação patriarcal, de extrema importância ao seu silenciamento e opressão. Sem história, voz e poder para transformar sua realidade, a mudança na situação das mulheres pareceu, por muito tempo, impossível. Mesmo em contextos hostis à liberdade, mulheres sempre encontraram meios de se expressar, e assim, sobreviver a situações de violência e opressão. E a escrita foi um desses meios.

Desde o momento em que a escrita passou a ser acessível às mulheres, esta se tornou um meio de demarcar sua existência na história. Através do exercício introspectivo da escrita de diários, ou cartas, por exemplo, foi possível obter importantes dados acerca de seu cotidiano, seus costumes e tradições sem que houvesse o filtro e censura das narrativas oficiais (Perrot, 2014). Foi possível um vislumbre de seus pensamentos, compreensão do mundo ao seu redor, e como as normas e expectativas sociais afetavam suas experiências. Porém, para além das valiosas informações que trouxeram alguma luz à história de muitas mulheres, o ato da escrita se revelou também um exercício potente de cura e resistência.

Resistência, pois, de forma insubmissa, mulheres entenderam que suas reflexões eram dignas de nota, merecendo ser registradas e guardadas em local outro que em seus próprios pensamentos. Por mais inocente que tal exercício possa parecer, demonstrava uma inconformidade com o estado das coisas, e uma desobediência que, apesar de sutil, contraria a ideia de passividade e submissão atribuídas às mulheres por tanto tempo.

Cura, pois através do “inofensivo” exercício da escrita, puderam lidar com seus próprios demônios transformando as inseguranças e dores em inspiradoras poesias, contos

e prosa que inspirariam muitas outras pessoas. Reforçando essa ideia, temos Conceição Evaristo, uma das maiores escritoras brasileiras contemporâneas:

O exercício da literatura para mim, é a minha maneira de não adoecer. Quando eu falo de não adoecer eu estou falando mesmo é desse adoecimento emocional. Porque a arte ela é uma válvula de escape. E a literatura para mim é essa criação, é a possibilidade que eu tenho de sair de mim mesma, de indagar um mundo, de inventar, né, um outro mundo, de apresentar a minha discordância com esse mundo. O que a História não nos oferece – eu estou falando da História ciência - a literatura ela pode oferecer. Esse vazio histórico, ele é preenchido pela ficção. O movimento da escrita - acho que o movimento da própria vida - é um movimento que você faz para vencer a dor, ou para vencer a morte. Acho que é alguma coisa assim... é o espírito de sobrevivência mesmo, né? esse desejo de você agarrar-se à vida de alguma forma. Para mim a literatura é essa oportunidade que você tem que se agarrar a vida, né? Você registra a vida, você inventa a vida, você é discorda da vida. Escrever é uma forma de sangrar [...] (Evaristo, 2020).

A escrita se torna uma importante ferramenta não apenas para lidar com os próprios sentimentos para mulheres – como escritoras – mas também o produto desse processo, ou seja, as obras literárias servem de forma semelhante àqueles que as leem, que têm acesso a tais manifestações. (bibliografia sobre a importância da leitura no processo de superação). Apenas o vislumbre de determinados contextos a partir da visão de outrem (muitas vezes de realidades semelhantes à que o/a leitor/a) configura uma possibilidade de identificação, de reconhecimento e, assim, de empoderamento rumo à transformação da realidade.

Em relação à temática do empoderamento, cabe alguns esclarecimentos. A aceitação do conceito está longe de ser pacífica dentro do feminismo, principalmente considerando a recente apropriação do termo para justificar iniciativas que reproduzem e/ou contribuem para a manutenção das estruturas patriarcais, o que se dá, sobretudo, pela apropriação e esvaziamento do termo, limitando seu alcance à seara individual e econômica das mulheres (Sardenberg, 2012).

Para outras vertentes, contudo, temos o empoderamento a partir do esforço coletivo de mulheres que buscam romper com as normas e hierarquias patriarcais presentes em nossa sociedade. Não há poder maior que o coletivo, é certo. Entretanto, especialmente no que se refere à questão do empoderamento, este se dá, de início, internamente. A semente que dará vida à emancipação, ao empoderamento, origina-se de uma ruptura em nossa forma de enxergar o mundo ao nosso redor. O reconhecimento do reflexo do que se dá à nossa volta em nosso agir e sentir no mundo é algo extremamente potente e não deve ser levado levianamente.

As they become known to and accepted by us, our feelings and the honest exploration of them become sanctuaries and spawning grounds for the most radical and daring of ideas. They become a safe-house for that difference so necessary to change and the conceptualization of any meaningful action (Lorde, 2018. não paginado)

Esta ruptura pode advir de um acontecimento. De uma violência. Mas ainda da arte em suas mais diversas formas. De uma música. Da escrita e/ou leitura de um poema. De um livro. Independente da razão de ocorrência, esse gatilho promove a ruptura necessária para estremecer o estados das coisas, e é tal ruptura que leva à ação. É o que nos leva a buscar compreender as desigualdades às quais estamos inseridas. É o que nos leva à luta coletiva. É o que leva à mudança.

A emancipação, o empoderamento demandam, antes do trabalho coletivo, um fortalecimento interno que sustentará toda e qualquer ação em prol da libertação de si ou de outrem. A expressão criativa, seja que forma tomar, pode ser o gatilho para a transformação e cura, e entre as formas que tais manifestações podem tomar, destacaremos, aqui, a prosa ficcional. Por sua íntima relação com o imaginário, pode se ter a errônea compreensão de que tratamos apenas de entretenimento, ao sem relevância para a sociedade de fato. Ainda mais quando se trata de obras escritas por mulheres.

O Brasil é um dos maiores exemplos dessa ocorrência. No país, a formação da literatura nacional se deu a partir da construção de um corpus literário que atendesse a necessidade da formação de uma identidade nacional, uma ordem social simbólica que unificasse politicamente a nação (Schmidt, 2000). Esse fenômeno, contudo, a partir da construção de um sujeito universal, um exercício de essencialização que, não surpreendentemente, excluía qualquer diferença do modelo colocado como ideal, o masculino. De acordo com Schmidt (2000), esse movimento se inseria em um projeto que não só relegava às margens as mulheres e quaisquer sujeitos que não se enquadrassem nos moldes desse sujeito ideal, mas reproduzia, paradoxalmente, aos modelos representativos europeus, e, portanto, colonizadores.

As inúmeras transformações sociais e políticas nos últimos anos trouxeram consigo o questionamento de tais padrões, em um movimento de enfrentamento que buscou, entre outras coisas, incluir vozes silenciadas ao longo desse processo, tais quais autoras mulheres.

Os desafios são inúmeros nesse cenário, entretanto, e a superação envolve diferentes fatores. Para começar, é fundamental salientar que a própria compreensão, legitimação e reconhecimento da das obras literárias e de sua autoria em sociedades patriarcais (tais como o Brasil) se deu pela representação e interpretação sob a luz do olhar masculino, o que revela

[...]uma estreita relação entre a genealogia dos cânones literários e o exercício de poder autoral na constituição de um discurso crítico que, entre outras coisas, controla o tráfego de textos de modo a desautorizar aqueles textos considerados ilegítimos pela lógica da oposição binária verdadeiro/falso [...]A literatura “verdadeira” e as “verdades” da literatura em sua função civilizatória, de engrandecimento espiritual e de elevação moral, não comportavam a mulher como sujeito-autora, e as histórias das literaturas, em seus formatos tradicionais, constituem o registro contundente dessa exclusão (Schmidt, 2012, p.66).

De fato, apesar do espaço das mulheres na literatura ter se ampliado de forma significativa, o enfrentamento do preconceito e descrédito do trabalho literário feminino se faz ainda necessário.

Para ilustrar como há ainda muito a se evoluir em relação à esta questão, mesmo com a grande valorização de obras femininas nas últimas décadas, não é necessário ir muito longe. No fim de 2023, no Brasil, ocorreu uma grande polêmica relacionada ao tema.

A Universidade de São Paulo (USP), uma das maiores referências de ensino no país, divulgou, no período, a lista de livros do vestibular (edições de 2026 a 2028) para ingresso na instituição, o que visa informar e possibilitar uma maior preparação aos possíveis candidatos. De forma inédita, a referida lista contém apenas obras de autoras mulheres. Vale ressaltar o impacto dessa medida, uma vez que reflete diretamente na elaboração dos currículos escolares, dado o peso da instituição nas candidaturas e ingresso no ensino superior (apenas em 2023, aproximadamente cem mil inscritos em sua seleção para o vestibular) (Petrili, 2024).

Não obstante, a medida levantou grandes críticas, apesar do fato de, por inúmeros anos, a mesma lista conter apenas homens. Veículos de expressiva circulação, como o jornal Estadão, se manifestaram contrários à seleção das obras, chegando a sugerir que se tratava de uma “ofensa ao cânone” e uma “censura” aos autores homens, ignorando fato de que, desde a formação da lista de obras literárias para a seleção de ingresso ao ensino superior, 20 edições não contaram com sequer uma obra de autora feminina; e que, entre 2025 e 2026, apenas três obras de mulheres foram indicadas (Petrili, 2024). Essa ocorrência demonstra com clareza alguns dos desafios a serem enfrentados pelas mulheres na área literária, qual seja, a resistência à participação feminina e o reconhecimento da qualidade de seu trabalho. Esse é apenas um dos exemplos de como ainda há grande resistência no que se refere à ampliação e difusão da escrita de mulheres, e é exatamente por tais razões que devemos, cada vez mais, em lutar por tal espaço.

## LITERATURA E CIÊNCIA

*Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor.*

(Anzaldúa, 2000, p. 235)

O caso da inserção, e, portanto, da valorização de obras femininas em um dos maiores processos seletivos para ingresso no ensino superior no Brasil, é extremamente emblemático e demonstra os resultados de uma constante luta das mulheres por um espaço até pouco tempo majoritariamente masculino.

A área educacional – e por extensão, a ciência como um todo, sempre resistiu à inclusão de saberes outros que não se enquadrassem no modelo hegemônico (lógico, neutro e excludente), e mesmo na pequena brecha em que se torna aceitável, não se entende às mulheres.

A partir da lente decolonial, compreende-se que este frio molde racional científico é apenas um braço do projeto colonizatório que aprisionou, matou e silenciou milhares de pessoas, não apenas negando-lhes sua cultura, memória e identidade, mas desprezando o que quer que tenha restado como manifestações inferiores, primitivas. A diversidade, a especificidade e a riqueza contida nas diferentes experiências e contextos foram ocultadas (Bergano; Vieira, 2020)

Nesse sentido, dar atenção às artes, à música e literatura, sobretudo estas se ocupam de trazer reflexões sobre opressões, preconceitos e representações culturais que tragam olhares diferenciados sobre a discursos e narrativas impostos, é quase uma blasfêmia.

Questionar práticas científicas, portanto, deve constituir uma das frentes para o enfrentamento de desigualdades para a luta feminista, já que grande parte de tal movimento considera a compreensão do fazer científico também, como político (Sardenberg, 2007).

Tal exercício reafirma a inexistência de uma história neutra, pois reconhece que há ideologia e interesses em quaisquer discursos, sejam eles científicos ou não.

A discussão alcança a própria reflexão do que é ciência e a relação entre a produção do conhecimento científico. Refletir sobre a quem ou ao que serve à ciência é imprescindível em nosso compromisso e responsabilidade como investigadora/es na transformação da sociedade (Vieira, 2019).

Nesse ínterim, me parece que a questão central do fazer ciência a partir de fontes tais quais a literatura traz à tona exatamente o (ou qual deveria ser) propósito do fazer científico.

A busca por melhorar vidas, dever último da ciência implica também conhecer o ser humano, suas experiências e como podem transformar sua dor, sua vivência em potencial criativo que, além de curar, tem o potencial de ajudar a transformar a realidade de outras pessoas. Nunca fazemos ciência para nós mesmos. Temos um compromisso com a transformação e melhoria da sociedade para qual produzimos conhecimento. Portanto, é imperativo colocar em pauta as epistemologias, os temas, a linguagem, os objetos de estudo e as metodologias da pesquisa científica (Vieira, 2019).

Reconhecer, valorizar e resgatar saberes e manifestações outras para além do que dita o paradigma hegemônico é parte importante da busca ruptura política e epistêmica para que seja possível a construção de sociedades justas e democráticas, objetivo máximo do projeto decolonial. Afinal, enquanto apenas seguirmos as regras que nos foram impostas, o controle do conhecimento não é trazido à tona (Mignolo; Veiga, 2021).

Escrever sobre os próprios sentimentos e sensações é catártico, libertador, terapêutico, e compreender o ser humano, para além dos experimentos e mecanismos comuns ao ainda vigente e hegemônicos raciocínio científico que acabam por nos colocar como meros objetos de investigação, nos demanda a observar mais de perto. Como compreender, por exemplo, os efeitos do racismo sem ouvir o que internamente aquele indivíduo sente em relação a esta violência, como isso afeta e reflete em sua vida pessoal, profissional e aí por diante?

Para Almeida (2015, p. 23), A linguagem proporciona a construção de diferentes percepções da realidade ao nosso redor. Nesse contexto, a literatura nos permite nos aproximar do outro. Considerando tais possibilidades, de acordo com a autora, é necessário promover uma pedagogia crítica através da qual possamos

[...] “desaprender” nossos privilégios, procurando “pensar de maneira diferente, aprendendo a produzir teoria em outros espaços “por meio de um hábito *literário* de ler o mundo” para “reivindicar o papel do ensino da literatura como um treinamento da imaginação” (2003, p. 13). Tal conceito parece instrumental no sentido de que uma das formas mais produtivas de propiciar uma leitura crítica dos discursos da atualidade é por intermédio de textos literários e de discursos de escritores e escritoras que contestam e problematizam o atual cenário atual, não apenas pela representação, mas também pela construção e produção de uma percepção de mundo, unindo tanto o estético quanto o político e promovendo a dupla reflexão proporcionada pela literatura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas histórias em que lemos, a história de alguém é sempre é contada a partir de determinado ponto de vista. Há tanto para se ouvir e aprender, que acabamos não nos dando conta da infinidade de histórias que *não* são contadas, das vozes que não ouvimos. Histórias daquele/as que não tem o luxo de ter suas experiências narradas, seja por seus méritos ou seu sofrimento.

Por tais razões, precisamos agarrar quaisquer oportunidades que nos permitam refletir sobre as diferenças e vivências, ainda que estas se apresentem através da imaginativa fonte ficcional.

Se a escrita, e, portanto, a literatura, empodera, emancipa, deve fazer parte não somente da práxis feminista, mas de forma mais ampla da produção da ciência. Ouvir o que essas mulheres escritoras têm a dizer, ainda que por meio da ficção; e possibilitar o acesso às reflexões produzidas ao maior número de pessoas possíveis é uma forma de resistência, que integra a práxis feminista e decolonial, na medida em que busca a transcender processos de opressão e exercitar a valorização do sujeito e de sua identidade.

O fazer literário, seja prosa ou poesia permite, paradoxalmente, um vislumbre do real, do funcionamento de como aquela mente opera e processa os acontecimentos da

vida aos quais todos nós estamos sujeitos. Ler histórias, sejam elas de sofrimento, alegria ou superação, nos ajuda a processar o luto, a violência e nos fazer enxergar pelo olhar do outro o que muitas vezes ainda estamos cegos em nossa própria realidade, contribuindo na cura das feridas e traumas, nem sempre visíveis. É um abrir de janelas em uma casa há tempos trancada.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Sobre mulheres, escrita e resistência: desafios contemporâneos. Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 32, p. 13-26, 2019.

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: Uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Revista Estudos Feministas, 8(1), 229-236, 2000. Disponível em XXXX

COLLINS, Patrícia H. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLLANDA, Heloisa B. de (org.). Pensamento feminista. Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019;

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial. Descolonizar o feminismo, p. 32-51, 2019.

ESPINOSA-MIÑOSO, Yuderkys. Una crítica decolonial a la epistemología feminista crítica. El cotidiano, n. 184, p. 7-12, 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=32530724004> Acesso em 19/05/2024

EVARISTO, Conceição. Canal Leituras Brasileiras, 06 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 16, p. 193-210, 2015.

LORDE, Audre. Poetry is not a Luxury. In **The master's tools will never dismantle the master's house**. Penguin UK, 2018

LUGONES, María. Hacia un feminismo decolonial. La manzana de la discordia, v. 6, n. 2, p. 105-117, 2011.

MIGNOLO, Walter D.; VEIGA, Isabella Brussolo. Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. Revista x, v. 16, n. 1, p. 24-53, 2021. Disponível em: <https://ojs.homologa.ufpr.br/revistax/article/view/78142> Acesso em 20/04/2024.

MORRISON, Toni. The Source of Self-Regard: Selected Essays, Speeches, and Meditations. Nova York: Alfred A. Knopf, 2019. p. 3.

PETRILI, Luciana Loren Ribeiro. Literatura de autoria feminina em vestibulares: um estudo feito sob perspectiva feminista e interdisciplinar das leituras obrigatórias para USP e UNICAMP. 2024. Disponível em: [https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/19835?locale-attribute=pt\\_BR](https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/19835?locale-attribute=pt_BR) Acesso em 01/10/2024.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista?. 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6875> Acesso em 25/05/2024.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6848>. Acesso em 05 jun. 2023.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Mulheres reescrevendo a nação. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 01, p. 84-97, 2000.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Cânone, valor e a história da literatura: pensando a autoria feminina como sítio de resistência e intervenção. **El hilo de la fábula: revista del Centro de Estudios Comparados. Santa Fé, Argentina. Vol. 10 (2012), p. 59-72, 2012.**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Livros escritos por mulheres vão compor lista obrigatória da Fuvest em 2026. 22/11/2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/livros-escritos-por-mulheres-vaocompor-lista-obrigatoria-para-prova-da-fuvest-em-2026/> Acesso em: 20/05/2024.